

**Elaine Gonçalves Maciel**

**E AQUILO QUE ERA PROIBIDO SE TORNA OBJETO DE  
DESEJO: UMA LEITURA PSICANALÍTICA DE “LAVOURA  
ARCAICA”**

**Elaine Gonçalves Maciel / Ciclo II/ Quinta-feira manhã/ 2º Semestre 2020**

**CEP- CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS  
SÃO PAULO, NOVEMBRO 2020**

## INTRODUÇÃO

Ao propor uma conversação entre Psicanálise e Literatura, arrisco-me num movimento vertiginoso, que poderia facilmente cair numa tradução instantânea do texto literário em termos psicanalíticos, ou ainda, descambar numa simplista confirmação dos conceitos da psicanálise implicados na ficção. Ainda que ambas as ações sejam possíveis, elas me parecem carecer de certo empenho diante daquilo que, no universo da Literatura, escapa à representação.

Por esse motivo (e apesar dos riscos), debruço-me sobre o livro *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, não como alguém que busca, na letra, uma referenciação da experiência freudiana, mas como uma analista que se põe a escutar o analisando, partindo do princípio de que a Literatura se faz um campo privilegiado para a produção do inconsciente.

Assim, seguindo o princípio da atenção flutuante, a minha escuta vai além do fazer literário, antes, ela imerge na palavra, na realidade sensível dos personagens, sem a menor intenção de reconhecer neles estruturas psicanalíticas fixas, mas com toda a disposição para, quem sabe, testemunhar o afloramento do inconsciente.

## UM POUCO SOBRE A LAVOURA

Publicado em 1975, *Lavoura Arcaica* retrata a história de uma numerosa família de origem libanesa que vive da lavoura e da criação de animais no interior do Brasil. A moralidade e a retidão, são princípios caros ao patriarca que defende a união da família pelo trabalho, pelo desprezo à paixão que desvaira o homem e pelo respeito aos ensinamentos dos antigos, onde estavam fincadas todas as raízes do *modus vivendi* familiar.

Assim, o trabalho no campo, o trato com os animais, as refeições feitas religiosamente com todos sentados à mesa e acompanhadas dos sermões religiosos do pai compõem o cotidiano da união familiar, que em dado momento é abalado por André, o filho transgressor, que foge de casa por não concordar com os mandamentos ensinados pelo pai, e, sobretudo, por experimentar um amor incestuoso com Ana, sua irmã.

A narrativa é dividida em dois momentos: a visita de Pedro, irmão mais velho, que tem como missão resgatar o filho mais novo; e o regresso de André ao seio da família. Neste primeiro momento, André nos deixa conhecer os motivos de ter deixado a família, seu sentimento pela irmã, sua relação com seus pais e irmãos, a estrutura familiar, o funcionamento da casa e do trabalho. Já o segundo momento é marcado pelo seu regresso à casa do pai, que faz uma festa para recebê-lo.

Toda essa história é narrada por André, como um sujeito que se deita ao divã com um mundo todo por dizer. Certamente, a experiência da “escuta” de *Lavoura Arcaica* aproxima-se da associação livre no setting analítico, quando o analisando fala tudo o que lhe ocorre, sem censuras e obstáculos, pois a narrativa é marcada, em quase sua totalidade, por extensos parágrafos, onde o ponto final só aparece no fim dos capítulos, fazendo de sua sintaxe um vômito desesperado, onde não há intervalos para que se possa respirar.

Como o inconsciente, o discurso de André não apresenta uma ordem lógica racional, é, antes, um atropelo de reminiscências, que vão marcando a cada lembrança os caminhos do seu Desejo. É assim que André discursará desde o centro do olho do furacão de seu Desejo-redemoinho, arrastando toda a moralidade e retidão familiar para o desmoronamento da tradição, cujos escombros lhe servem de fundamento em sua constituição subjetiva.

## **E AQUILO QUE ERA PROIBIDO SE TORNA OBJETO DE DESEJO**

O mote de *Lavoura Arcaica* se fundamenta, a priori, na relação incestuosa entre André e Ana. É no discurso mesmo de André que se depreende a intensidade com que essa paixão o atravessa: “Era Ana a minha fome (...); era Ana a minha enfermidade, ela a minha loucura, ela o meu respiro, a minha lâmina, meu arrepio, meu sopro, o assédio impertinente dos meus testículos” (NASSAR, 1989, p. 91).

Ana é a personificação do desejo de André, mas sua representação vai além do desejo de possuí-la como objeto de amor. A todo momento, a (im)possível relação entre os irmãos é apresentada em contraposição aos discursos castradores do pai, o que nos remete imediatamente a duas questões fundamentais na psicanálise: o Complexo de Édipo e a proibição do incesto.

Se o pai da horda, descrito por Freud em *Totem e Tabu* (FREUD, 1996 [1913]), é aquele que possui o desejo ilimitado e goza de todas as mulheres, expulsando ou matando todo macho que ameace o seu posto, Iohána, o patriarca da família de *Lavoura Arcaica*, é o pai que se impõe como senhor supremo do seu clã, é ele próprio o universo do gozo do qual André se vê excluído. Munido do poder do falo, o pai é quem detém o direito privilegiado e exclusivo da fala, e, por meio de um discurso firme e austero, mesclando tons doutrinários, religiosos e proféticos, impõe à família, através de seus sermões, a herança cultural herdada, com o objetivo de manter a ordem familiar pela tradição.

A imagem do pai, portanto, é a figura máxima da razão e da moral, e sua palavra é a palavra de ordem: o mundo das paixões deve ser evitado a todo custo, pois ele é a treva que apaga a luz familiar. É nesta proposição que está fundamentada a organização do corpo da família. André, no entanto, foge a esta máxima, “o filho

torto”, como ele mesmo se denomina, lança-se na descoberta de seu próprio desejo e desafia todo o discurso do pai.

O filho contrapõe o discurso paterno, pregando a desordem imposta pelo desejo e pela paixão, portanto apaixonar-se pela irmã é o ato máximo da contraposição de André, uma vez que a relação sexual entre irmãos é uma prática inconcebível dentro dos limites da tradição.

A problemática do incesto em *Lavoura Arcaica*, no entanto, inicia-se, antes de Ana. Remonta à relação do André infante e sua mãe que, “transbordando no seu afeto”, alimentava as fantasias sexuais do corpo erogenizado do filho. De fato, o menino André se sentia privilegiado e desejado pela mãe, numa plenitude narcísica em que os dois se completavam, como é possível confirmar na cena infantil que ele rememora:

“e só esperando que ela entrasse no quarto e me dissesse muitas vezes "acorda, coração" e me tocasse muitas vezes suavemente o corpo até que eu, que fingia dormir, agarrasse suas mãos num estremecimento, e era então um jogo sutil que nossas mãos compunham debaixo do lençol, e eu ria e ela cheia de amor me asseverava num cicio "não acorda teus irmãos, coração", e ela depois erguia minha cabeça contra a almofada quente do seu ventre e, curvando o corpo grosso, beijava muitas vezes meus cabelos” (NASSAR, 1989, p. 24).

André associa essa lembrança ao momento em que se deu início à desunião da família, mas não é indiscriminadamente que o faz, pois é aqui que se manifesta mais claramente o desejo pela mãe (que mais tarde será deslocado para Ana) e, conseqüentemente, a rivalidade em relação ao pai. A desunião da família é, portanto, a seqüela da angústia da castração e se concretiza na passagem para o segundo tempo do Édipo lacaniano (LACAN, 1999), quando o pai terrível, na fantasia da criança, se constitui como a Lei e reivindica para si a posse da mãe, interditando o incesto.

Aqui não temos somente a possibilidade da primeira escolha de objeto, mas também a primeira renúncia que, em função da defesa, coloca o narcisismo e o desejo frente a frente, cujo fiel da balança depende de como funciona no sujeito a chamada ameaça de castração do que decorre a instauração do supereu.

Quando o pai interdita, limita e castra o filho, ele viabiliza a Lei. Quando o filho deseja a mãe, este entra numa rivalidade imaginária com o pai, o que instiga o sentimento de ódio, de maldade com relação ao outro, esses sentimentos dissimulam a morte e a castração. O desejo, ora proibido, promove um desejo indestrutível e sem fim. Dessa forma, o sujeito entra na dimensão da culpa. Para colocar obstáculos ao gozo, a frustração trazida pela Lei, que diz não à realização das pulsões, faz com que o ser humano se submeta à tirania do supereu, abra mão do seu desejo, e conserve-se fixado naquilo que se apresenta como promessa de plenitude.

Mas, André é aquele que não se submete à castração. Não aceita sua impotência de ocupar o lugar do pai. O seu primeiro objeto de amor escolhido (a mãe) é depois reafirmado na irmã Ana, não sendo assim renunciado. Seu imperativo é o seu próprio desejo. Ele não se submete à Lei, portanto, é isento de culpa.

Com efeito, para além do amor da mãe e/ou da irmã, o que André deseja com urgência, no entanto, é o “seu lugar na mesa da família”, ou, em outras palavras, o lugar fálico do pai, por isso leva até as últimas consequências a rivalidade com a figura paterna, ao consumir o incesto com a irmã. Assim, ele se recusa a aceitar a castração, não abandona a posição infantil e continua gozando na posição anterior ao Complexo de Édipo. Ele alimenta fantasias de que é possível viver o amor incestuoso e encontra, de forma desvirtuada, no discurso do próprio pai, a justificação de seu desejo:

foi um milagre o que aconteceu entre nós, querida irmã, o mesmo tronco, o mesmo teto, nenhuma traição, nenhuma

deslealdade, e a certeza supérflua e tão fundamental de um contar sempre com o outro no instante de alegria e nas horas de adversidade; foi um milagre, querida irmã, descobrirmos que somos tão conformes em nossos corpos, e que vamos com nossa união continuar a infância comum, sem mágoa para nossos brinquedos, sem corte em nossas memórias, sem trauma para a nossa história; foi um milagre descobrirmos acima de tudo que nos bastamos dentro dos limites da nossa própria casa, confirmando a palavra do pai de que a felicidade só pode ser encontrada no seio da família; (NASSAR, 1989, p. 99-100.).

Considerando que o núcleo familiar em questão é extremamente fechado em seus limites, autossuficiente e preso a tradições arcaicas e patriarcais, é natural que os impulsos sexuais do adolescente tenham recaído nos membros da própria família, no entanto, para se estabelecer a ordem, cabe à função paterna fazer o corte e proibir o gozo.

Neste momento, essa função é exercida através de Ana, quando ela se nega a participar das fantasias do irmão e a dar continuidade à relação incestuosa. Ela se refugia na capela da fazenda, rezando o seu rosário na tentativa de expiar sua culpa neurótica e, ao mesmo tempo, impondo a André a castração.

Mas André, tal como no mecanismo de recusa do perverso, recusa-se à entrada definitiva na castração simbólica, e a metáfora paterna funciona apenas parcialmente, pois, ao ter o seu desejo interditado pela função do Pai, o filho reage com o desafio e a transgressão, explicitando os traços de perversão que lhe sobram; é a castração representada por essa interdição paterna que será desafiada e, se possível, transgredida por ele.

É nesse momento, então, que o filho se aventura para além dos limites da casa, foge e escancara mais uma vez a desunião da família. Sua partida, antes de ser pelo direito de viver suas paixões e prazeres, tantas vezes negados pelo pai, é, sobretudo, para desafiar e transgredir as proibições paternas.

Assim, a rivalidade edipiana ainda persiste no desejo de tomar o lugar do pai. André não se deixa arregimentar pelo pai e se colocando como o eu do seu discurso, impõe-se como “profeta de sua própria história”. Da mesma forma que o pai não reconhece outro discurso que não seja o seu, André também não reconhece outra ciência que não seja a sua.

Ao revelar a Pedro sua relação incestuosa com Ana, André quer mostrar que outro discurso, e, portanto, outra Lei pode ser seguida, a sua: “Sobre esta pedra fundarei a minha igreja particular” (NASSAR, 1989). André demonstra no decorrer de toda a narrativa o desejo de ser ele mesmo aquele que dita as normas. O pai representa para ele um obstáculo ao falo e a concretização dos desejos sexuais, logo, para se apropriar desse falo e obter a liberação de seus desejos, é necessário que o pai morra.

Com efeito, a morte (ao menos a morte simbólica) de Iohána dar-se-á no momento da festa que comemora a volta de André ao seio da família. Ana se veste das quinquilharias de prostitutas que André guardava em uma caixa e põe-se a dançar sensualmente durante a festa, enquanto André, afastado em meio ao mato, olhava-a e estava certo de que era só para ele que a irmã dançava. Ao ver a cena, o pai é informado por Pedro sobre a relação incestuosa dos irmãos, e, enlouquecido, Iohána pega um alfanje e atinge com um golpe de morte a sua filha. Nas palavras de André:

a partir daí todas as rédeas cederam, desencadeando-se o raio numa velocidade fatal: o alfanje estava ao alcance de sua mão, e, fendendo o grupo com a rajada de sua ira, meu pai atingiu com um só golpe a dançarina oriental (que vermelho mais pressuposto, que silêncio mais cavo, que frieza mais torpe nos meus olhos!), não teria a mesma gravidade se uma ovelha se inflamasse, ou se outro membro qualquer do rebanho caísse exasperado, mas era o próprio patriarca, ferido nos seus preceitos, que fora possuído de cólera divina (pobre pai!), **era o guia, era a tábua solene, era a lei que se incendiava** — essa matéria fibrosa, palpável, tão concreta, não era descarnada como eu pensava, tinha substância, corria nela um vinho tinto, era sanguínea, resinosa,



reinava drasticamente as nossas dores (pobre família nossa, prisioneira de fantasmas tão consistentes!) (NASSAR, 1989, p. 160.). *Grifos meus*.

Esse golpe que mata Ana, se por um lado instaura o corte, a castração do incesto, por outro lado, circunscreve a morte do pai simbólico. Num gesto incoerente de paixão violenta, toda a tradição arcaica vem abaixo, e aquele que há muito falava de amor, paciência, moralidade e sabedoria, rompe, em um só ato, com todos os seus ensinamentos. O Pai se mostra vulnerável, equivocado, vingativo e, conseqüentemente, um homem fraco, e, ao matar a filha, ele próprio morre. Por meio do gesto do Pai Real e vivo, o pai Simbólico aparece morto perante o filho e a plateia familiar.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da escuta que realizei, entendo *Lavoura Arcaica* como um campo de imanência onde subjetividades se constroem em meio a lutas travadas com a tradição e o discurso paterno. O tema do tabu nesta narrativa assume o caráter duplo do desejo natural e da proibição cultural mediante a lei moral instituída pela função paterna. Se por um lado, André e Ana são lançados à superfície dos estratos sociais que os suprimem, por outro, os dois irmãos entregam-se ao desejo e se abrem à experimentação.

Contudo, André encontrara resistências diante dos devires de seu desejo. A tradição, a representação, a lei, a família, tudo isso tornava o objeto de seu desejo um tabu inviolável, mas André não se conformava a um modelo de justiça ou de verdade, como ele mesmo afirma ao pai, imaturo ou não, não reconhecia mais os valores que o esmagavam. Este não reconhecimento de valores fazia de André um ser perverso,

não marcado pela culpa e que, portanto, estaria disposto a viver o desejo em sua experiência limite.

Ana, a irmã que também o desejava, já era marcada pelo peso da Lei e do discurso do pai. Ela sentia o peso da culpa de seu desejo interdito e se refugiava na transcendência religiosa de modo a fugir das trevas que traziam a escuridão para a luz da família; segundo André, sua vontade era forte, e ela “trabalhava zelosamente de joelhos o seu rosário, era só fervor, água e cascalho na sua face, lavava a sua carne, limpava a sua lepra (...)” (NASSAR, 1989.). Mas, se por um lado, Ana resguardava a ordem, por outro, ela remoía no silêncio de si todo o desejo reprimido, que em determinado momento viria a irromper o recalque que se sedimentara sobre seu corpo.

Este momento é marcado pela dança que antecede o seu assassinato pelo pai, que por sua vez, instaura a morte do pai simbólico. A partir disso, a presença do pai já não será suficiente para a manutenção da ordem, pois se o seu discurso se apresenta como incoerente, o pai real, conseqüentemente também o é. O excesso, a incompatibilidade e a incoerência do discurso paterno fazem com que André perceba que o patriarca não detém o falo.

Ao testemunhar a morte do pai simbólico, André finalmente assume o lugar que tanto desejou, num movimento de engodo, ele assume o lugar paterno e goza do lugar da Lei, supondo assim, capturar o falo. Não é por acaso que o último capítulo, subsequente à tragédia familiar, é narrado em memória do pai e consiste numa breve transcrição fiel de suas palavras, pois é assim que André celebra a usurpação do poder paterno, fazendo da Lei a lei de sua própria pessoa e gozando a qualquer custo do desafio, da transgressão, e da denegação constante da castração simbólica.

## REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1913 [1912-13]) Totem e Tabu. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIII.

Lacan, J. [1958]. *O Seminário – livro V- As Formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. (Original publicado em 1958).

NASSAR, Raduan. *Lavoura Arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.